



marcos

chaves

pieces

galeria

nara

roesler

marcos chaves

pieces

simon kirby

zhejiang province, china. october 2011

Do terraço do Café do Cine Odeon na praça Floriano surge um panorama brasileiro único. A exuberância da arquitetura *Beaux-Arts* do antigo império permanece ao lado da agitação racional paulista (do *boom* da década de 1950). O mosaico do pavimento da calçada do início do século lembra incontestavelmente a antiga Lusitânia romana. Enquanto isso, do outro lado da praça Mahatma Gandhi, uma fileira de palmeiras levemente inclinadas pelo vento traz à lembrança a infinita costa baiana e as ambições feudais dos velhos e cruéis capitães. Atrás dessa coroa de palmeiras paira a curva elegante do monumento brasileiro feito em homenagem aos mortos na Segunda Guerra Mundial. Uma estrutura que proclama o modernismo concreto vivido tão intensamente naquele lugar. Os espectros dos diversos passados do Brasil de alguma forma cintilam no ar, lado a lado. É como se o tempo do Sul, vivenciado aqui, não estivesse se movendo para a frente, como o diz a convenção do Norte, mas sim em espiral, para dentro e abraçando a si mesmo.

E no Café do Cine Odeon, toma-se café, é claro.

Korea Town

Encontrei Marcos Chaves pela primeira vez em um restaurante de churrasco coreano barulhento em Wang Jing – a nova megacidade satélite de Pequim. A curadora sino-brasileira Sarina Tang, que havia convidado Chaves a criar novas obras como parte de uma importante troca de experiências artísticas entre o Brasil e a China, gentilmente promoveu o encontro.

Eu interajo imediatamente com as intervenções performativas suaves e subversivas tão cheias de inteligência e humor; essas justaposições esculturais *ready-made* estão diretamente ligadas à forte experiência visual encontrada na minha cidade na China. Apesar de todas as comparações falaciosas entre a China e o Brasil, uma coisa que esses dois países realmente têm em comum é um talento natural para o inesperado e o improvisado. É certo que a China é cheia de espantosos amontoados surrealistas de objetos cotidianos que mobiliam a rua aleatoriamente: um esfregão cor-de-rosa, sujo e de cerdas longas, pinga, pendurado em uma árvore; um sofá quebrado; uma tábua abandonada faz uma ótima mesa de carteador; na grelha a carvão que pertence ao dono do quiosque, um almoço rápido é preparado. Esses perfeitos momentos-escultura situacionistas da China são mais do que dignos da paixão observadora carioca do próprio Chaves.



Prego, 2011 -- impressão fotográfica, montagem em metacrilato / photograph on dia-sec-face -- 178 x 373 cm

São Paulo

Chaves aproveitou o período em que fez sua residência em Pequim para criar *Pieces* para a Galeria Nara Roesler. Ao conversar com Chaves, ficou claro para mim que essas obras são, além de um ponto de partida significativo em seu trabalho, reveladoras de um grau maior de intimidade com o qual o artista está se apresentando ao mundo. O trabalho é resultado de uma pesquisa de três anos e inclui cinco painéis fotográficos enormes e multiperspectivos. Nessas obras ambiciosas, o artista parece estar em sua própria jornada, ou reprise, mental. Em *Ipanema*, inicia-se perto de casa com uma vista a partir da floresta da Tijuca para a praia e além dela. Depois, começa uma viagem cujo foco é a natureza na cidade. *Jardim exótico* no topo da cidade medieval francesa de Eze, e *Ficus macrophylla*, uma árvore no Jardim Botânico de Palermo, Sicília. Ao final do dia, Chaves volta para a casa da qual ele tanto sentiu saudade com *Prego*, um misterioso macaco de Santa Teresa, em movimento, no crepúsculo.

Formalmente, esses trabalhos estão relacionados, como boa parte da obra de Chaves, à dinâmica de posicionar elementos no espaço. Aqui, perspectivas inversas distanciam o primeiro plano e trazem para a frente objetos distantes. Seus múltiplos pontos de vista nos convidam a deslocar nossa posição visual e a criar nossas próprias narrativas: o macaco pula de galho em galho; a luz no horizonte muda; aquela ilha única torna-se um arquipélago pessoal fictício, talvez até melancólico, e cheio de possibilidades. Enquanto boa parte da obra anterior de Chaves está preocupada com a criação de novos significados em momentos que seriam, de outro modo, esquecidos, estas obras basicamente apresentam *ocasiões* conscientes nas quais o artista, embora não visível fisicamente, está totalmente presente como um protagonista contemplativo.

A obra anterior de Chaves foi predominantemente calcada na lente, mas, para ele, a fotografia em si é quase uma consequência incidental em um trabalho intangível. Aqui, no entanto, a imagem fotográfica realmente se torna um objeto sofisticado de pleno direito. Os múltiplos pontos de vista dos grandes painéis são construídos com espelhos entre as margens, o que faz com que, como autores da imagem, reflitam o reflexo um do outro infinitamente. Paradoxalmente, ao revelar uma parte mais pessoal e efêmera de si, o artista, apesar de ter uma prática que se esquia da materialidade, produziu como nunca objetos com mais substância física.

Santa Teresa & o Distrito de Chaoyang

Como constato na Cinelândia, a maneira com que histórias únicas e intensas do Brasil estão, de maneira tão palpável, *disponíveis* no presente faz com que elas iluminem a narrativa da cultura ocidental com uma clareza incomum. Mesmo a elegância do seu contraponto formal às hegemonias do Norte confirma até que ponto nós do mundo ocidental formamos uma esfera cultural grande e diversa. Meu encontro com o trabalho de Marcos Chaves foi exatamente dessa forma; por meio de sua obra, a lógica radical de cem anos de filosofia estética fez rapidamente sentido.

Perguntei-me: que característica indefinida fez isso acontecer?

Santa Teresa, Distrito de Chaoyang & Lusitana

Em 1990, a coreógrafa portuguesa Madalena Victorino apresentou uma obra muito importante na dança, chamada *TORREFAÇÃO*, no extinto moinho de café lisboeta Torrefação Lusitana. Um dos funcionários mais antigos do moinho, ao ver como os bailarinos misturavam seus corpos ao chão, às paredes e aos sacos impregnados de café, comentou com o performer Gil Mendo, muito francamente, “entrega-te ao café”. Nos últimos vinte anos, volto a pensar repetidamente nessa observação e percebo que ela contém uma prática cultural e estética que, imagino, seja mais determinante para a obra de Marcos Chaves do que se percebeu até hoje.

Essa prática de *entregar-se* está longe de ser uma postura artística que demonstra entusiasmo emocional. Trata-se mais de uma resposta sutil e disciplinada que une sofisticação e empatia na mesma medida. Ao longo dos anos, comecei a suspeitar que essa prática possa representar uma sensibilidade particularmente lusófona. Uma sensibilidade que detecto estar fortemente presente nas obras aqui apresentadas. Chaves é considerado um dos artistas mais cariocas e, considerando toda a inteligência presente na sintaxe da sua produção artística, é fundamentalmente essa prática de *entregar-se* que transforma suas obras em enigmas silenciosos e poderosos.

A obra em vídeo apresentada aqui, *A árvore que caminha*, mostra uma árvore gigante, semelhante a uma figueira-de-bengala, no Campo de Santana, Rio de Janeiro. As raízes aéreas penduradas formam uma imponente cortina sobre a calçada. Com seu característico humor observacional, Chaves captura o impulso de alguns transeuntes: o de erguer o braço e tocar os tentáculos fibrosos da árvore.

Eles certamente estão *se entregando à árvore*.







Ipanema, 2011 -- impressão fotográfica, montagem em metacrilato

/ photograph on dia-sec-face -- 166 x 256 cm

pieces

simon kirby

zhejiang province, china. october 2011

Cinelândia

From the terrace of Praça Floriano's Café Cine Odeon a remarkable Brazilian panorama emerges. *Beaux-Arts* exuberance of the late Empire sits alongside the rational Paulista exhilaration of the 1950s boom. The early century *calçada* mosaic pavement unmistakably recalls antique Roman Lusitania. While across Praça Mahatma Ghandi, a line of palm trees bend slightly in the breeze, calling to mind the endless Bahian coast and the cruel old Capitans' feudal ambitions. Behind this crown of palms hovers the elegant curve of Brazil's monument to its dead of the Second World War. A structure that proclaims the concrete modernism so wholeheartedly experienced in this place. The specters of Brazil's many pasts somehow shimmer alongside one another in the air. It is as though Southern time, experienced here, is not running forward according to the Northern convention but instead is spiraling deeply inwards and embracing itself.

Naturally, at Café Cine Odeon we drink coffee.

Korea Town

I first encounter Marcos Chaves in a noisy Korean barbeque in Wang Jing—Beijing's new satellite megacity. Chinese-Brazilian curator Sarina Tang has invited Chaves to make new works as part of an important exchange of artistic experiences between Brazil and China, and she has kindly arranged that I meet him.

I respond immediately to Chaves' gently subversive performative interventions which are so full of intelligence and humor; these readymade sculptural juxtapositions relate so directly to the overwhelming visual experience of my Chinese city. For all the speciousness of comparisons between China and Brazil, one thing that they do have in common is a native genius for the accidental and the improvised. Indeed China abounds in startling surrealistic assemblages of mismatched daily items furnishing the street: a dirty, long-haired, pink mop dripping from a nail in a tree; a broken sofa; an abandoned board is a handy card table; the kiosk man's roadside coal burner rustles up some lunch. These perfect Chinese situationist moments of sculpture were more than worthy of Chaves' own Carioca observational zeal ["Carioca" refers to people born in Rio de Janeiro, TN].

São Paulo

Chaves took advantage of his Beijing residency time to create *Pieces* for Galeria Nara Roesler. In discussion with Chaves, it became clear that these works are not only a significant formal departure in his work but also reveal a deeper level of intimacy with which the artist is showing himself to the world. The work is the result of three years' research and includes five large-scale, multiperspectival photographic panels. In these ambitious works the artist seems to take a mental journey, or reprise, of his own. In *Ipanema* he starts out close to home with a view from the Tijuca forest of the beach and beyond. He then takes a voyage which focuses nature in the city. *Jardim exótico* is the French medieval town of Eze, and *Ficus macrophylla*, the Botanical Gardens of Palermo, Sicily. Chaves returns at the end of the day to the home he missed so much with *Prego*, an inscrutable monkey from Santa Teresa shifting in the twilight.

In a formal sense these works relate, as with much of Chaves' work, to the dynamics of placing elements in space. Here reverse perspectives take the foreground to the distance and bring distant objects to the fore. Their multiple viewpoints invite us to shift our visual stance and create narratives of our own: the monkey shuffles from branch to branch; the light on the horizon shifts; the single island becomes a fictitious personal archipelago, wistful perhaps, and full of possibilities. While much of Chaves' previous work is concerned with creating new meanings in otherwise discarded moments of time, crucially, these works present conscious *occasions* in which the artist, although not personally visible, is fully present as a contemplative protagonist.

Chaves' previous work has predominantly been lens based but for him the actual photograph is an almost incidental by-product in an otherwise intangible work. Here, however, the photographic image has decisively become a sophisticated object in its own right. The multiple viewpoints of the large panels are constructed with mirrors between their margins causing them, as author of the images, to reflect reflexively and endlessly back on themselves. Paradoxically, in revealing a more personal and ephemeral part of himself, the artist has, despite a practice that eschews materiality, produced his most physically substantial objects to date.

Santa Teresa & Chaoyang District

As I discover in Cinelândia, the way that Brazil's unique and intense histories are so palpably *available* in the present allow them to somehow illuminate the narrative of Western culture with unusual clarity. Even the elegance of its formal counterpoise to Northern hegemonies confirms the extent to which we in the Western world form a large and diverse cultural sphere. My encounter with the work of Marcos Chaves functioned in precisely this way; through his works the radical logic of one hundred years of aesthetic philosophy fell coherently into place.

What unidentified feature caused this to take place, I wondered?

Santa Teresa, Chaoyang District & Lusitana

In 1990, Portuguese choreographer Madalena Victorino made an important dance work, *TORREFAÇÃO*, in Lisbon's now defunct coffee mill Torrefação Lusitana. One veteran coffee worker from the mill, on seeing how the dancers melded their bodies with the dusty, coffee-impregnated floors, walls, and Hessian sacks commented to performer Gil Mendo, plainly, "entrega-te ao café": you *give yourself* to the coffee. Over the past twenty years, I have returned repeatedly to that remark, and it has come to encapsulate for me a cultural and aesthetic practice that I suspect to be more central to Marcos Chaves' work than has been previously explored.

This practice of *giving oneself over* is far from being an artistic posture of emotional enthusiasm. It is more crucially a subtle and disciplined response, which combines sophistication and empathy in equal measure. Over those years too I began to suspect that this practice may represent a particularly Lusophonic sensibility. A sensibility which I strongly detect in the works presented here. Chaves is considered a most Carioca of artists and, for all the intelligence of the syntax of his artistic production, it is fundamentally this practice of *giving oneself over* that transforms his works into quiet, compelling enigmas.

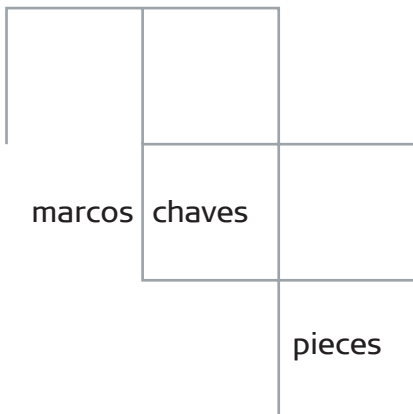
The video work presented here, *A árvore que caminha* (The tree that walks), shows a giant banyan-like tree in Campo de Santana, Rio de Janeiro. The tree's aerial roots hang down in an impressive curtain over the pathway below. With a characteristic observational humor, Chaves captures the impulse of some passersby: to reach up and strike the fibrous tentacles.

They are *giving themselves to the tree*.





Jardim exótico, 2011 -- impressão fotográfica, montagem em metacrílico / photograph on dia-sec-face -- 136 x 558 cm



texto/text

simon kirby

produção/production

rafaela ferreira

projeto gráfico/graphic design

tecnopop

diagramação/design

renata castro e silva

assessoria de imprensa/press agent

agência guanabara

tradução/translation

marcia macedo

revisão/proofreading

regina stocklen

tratamento de imagens/image processing

luiza baldan



abertura/opening

19.11.2011

11 > 15h

exposição/exhibition

19.11.2011 > 23.12.2011

seg/mon > sex/fri 10 > 19h

sáb/sat 11 > 15h

[capa/cover] detalhe de / detail

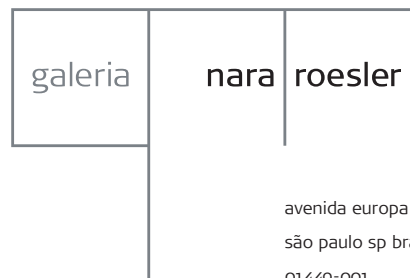
from -- **Ficus macrophylla,**

2011 -- impressão fotográfica,

montagem em metacrilato /

photograph on dia-sec-face --

76 x 485 cm



avenida europa 655

são paulo sp brasil

01449-001

t 55 (11) 3063 2344

f 55 (11) 3088 0593

info@nararoesler.com.br

www.nararoesler.com.br